

O Sonho de Ícaro

Onestaldo Gonçalves



O Sonho de Ícaro

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Onestaldo Gonçalves
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO
O Sonho de Ícaro

AUTOR
Onestaldo Gonçalves

REVISÃO
Maria José Godinho

CAPA
Rita Múrias

CONCEÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

1.ª EDIÇÃO
Julho de 2019

ISBN 978-972-27-2797-6
DEPÓSITO LEGAL 458 653/19
EDIÇÃO N.º 1023435



**O Sonho
de Ícaro**
Onestaldo Gonçalves

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

I

Ernesto tinha acabado de chegar em casa, vindo da pequena propriedade em Espigão, onde era feitor. Uma propriedade de Nhô Mané Santo, que a havia cedido ao avô para trabalhar como feitor e que, mesmo após a sua morte, foi passando de mão em mão, numa sucessão quase monárquica.

Como sempre, Ernesto estava acompanhado do seu amigo, inseparável e fiel cão, Rex. Ao contrário do que lhe era habitual, nesse dia, atrasou um pouco em chegar a casa. Sentia-se exausto e o corpo a pedir ficar estendido sobre a esteira de caniço e não no desconfortável e surrado colchão de sumaúma, que, em certa medida, até podia agravar a dor de coluna que há muito o atormentava. Além do cansaço, reclamava da fome e sede.

Ernesto tinha fama de ser bom de garfo e não fazia questão de o negar. Mas também

reconhecia-se nele um trabalhador incansável, cujas mãos calejadas e os seus portentosos músculos dos braços espelhavam essa sua qualidade.

O farnel que tinha levado nesse dia mal deu para «meia missa», porque teve de o repartir com os outros companheiros de jornada. Ele tinha trabalhado muito e queria aproveitar das primeiras chuvas que, nesse ano, surpreendentemente, tinham caído mais cedo, para alegria dele e de todos aqueles que faziam da terra o seu meio de vida, ou melhor, seu sustento. Ernesto teve sorte e contara com a ajuda abnegada de dois compadres e amigos seus, que se disponibilizaram em ajudá-lo a lavrar a terra, num espírito de interajuda, aliás, uma prática salutar e frequente entre os camponeses. Evidentemente que não queria ser apanhado desprevenido, como no ano anterior, cuja colheita tinha sido um desastre, um mau ano agrícola, como resultado da baixa pluviosidade, para além de algumas pragas que devastaram, impiedosamente tudo, num ato quase diluviano. O que lhe fazia uma certa moッサ e tristeza era ver o pouco gado que possuía a perecer, um após outro, sentindo-se impotente para contrariar o sinistro fenómeno. Todos nessa localidade, sem exceção, tiveram de apertar o cinto e sobreviveram graças à ajuda de amigos e oportunas remessas periódicas em dinheiro, de familiares que viviam

no estrangeiro. A ilha toda havia mergulhado numa fome só comparada a de algumas décadas atrás. Nas outras ilhas, a situação era idêntica, senão, pior. O governador da Província, pressionado pelos protestos da população e pelos muitos óbitos por inanição, teve de recorrer à Metrópole, que enviou de Angola dois barcos com uma variedade de milho, que não fazia parte do cardápio da população, que, resignadamente, teve a contragosto de a consumir avidamente não obstante o seu mau estado de conservação. A população não teve opção, era escolher entre a morte e a sobrevivência. Forçosamente preferiu a segunda.

Desta vez, o ano agrícola dava sinais de que iria ser diferente, um ano de muita fartura e que viria afastar o espectro da fome, pelo menos era assim que todos os camponeses auguravam que acontecesse. Seria um ano de desforra. Um fenómeno cíclico que, desde muitas décadas a esta parte, se vem constatando. As primeiras chuvas encorajavam a todos de que não deviam esmorecer em lançar as sementes à terra. É, na verdade, a esperança inabalável do verdadeiro camponês.

É certo que a agricultura nessa paragem, sem qualquer exagero, é um autêntico jogo de azar, porém, para se ganhar, há que jogar, e os camponeses não queriam perder essa esperança de que de ano em ano é renovada.

Ao entrar na soleira da porta, mesmo antes de tirar da cabeça o seu maltratado chapéu de palha de abas largas, que mais parecia uma peneira, pendurar o *sarradjo* e o *buli*, e colocar a enxada e a catana num dos cantos da casa, Ernesto recebe a notícia da mulher, que de certa forma não o surpreendeu muito, de que ele, uma vez mais, era pai de um rapaz. Mas antes de ter sido alertado, a sua atenção agudizou-se quando viu a parteira Belmira, uma mulher muito solícita que era sempre chamada quando o assunto se relacionasse com parto ou mesmo alguma desavença conjugal. Era, na verdade, uma conselheira, uma amiga de todas as horas. Ela estava ao lado da esposa, que se encontrava deitada na cama, cuja face denotava uma certa dor, como era natural. O choro da criança não deixava a menor dúvida, se ainda houvesse.

Ele bem sabia, que mais dias menos dias, a esposa iria dar à luz, mas não esperava que fosse nesse dia, visto que ela, nessa manhã de muito nevoeiro e frio, quando saiu de casa, não tinha dado nenhum sinal de que estivesse com dores ou alguma indisposição, como nas gravidezes anteriores. São na verdade as surpresas do parto.

Qual é o casal camponês que sabe dizer com toda exatidão a data prevista do parto? Muito poucos.

Em certa medida, ficou radiante, porque rezava pedindo a Deus que nascesse um rapaz e não uma menina, como era desejo da esposa. A esposa desejava uma filha, visto que ela já era mãe de filhos varões e queria alguém que a «ajudasse na velhice».

Ernesto tinha por hábito gozar com o vizinho, compadre, primo e amigo, Morgado, alguns anos mais novo do que ele, que era pai de três meninas. Ele fartou-se de esperar por um filho varão, mas não teve tal sorte, ao contrário dele. Dizia para quem quisesse ouvir que: «seria o pior castigo que podia receber de Deus», se porventura viesse a ter filhas. É o machismo no seu expoente máximo! Alguém apostaria, certamente, na ignorância. «Eu não quero homens na soleira da minha casa!» — afirmava ele amiúde e com uma certa dose de vaidade e machismo.

— Zulmira... hummmm, acho que este miúdo não vai sobreviver! — sentenciou ele, quando, um tanto ou quanto incrédulo, e prevendo o pior, tomou o filho nos braços e demoradamente o observava.

Todos os outros tinham nascido saudáveis, exceto este. Pudera, o ano tinha sido de fome na ilha — estaria ele a fazer alguma ligação entre o mau ano agrícola do ano transato e o baixo peso da criança. Apesar de tudo, a gravidez havia

chegado ao fim, sem grandes sobressaltos para a mãe, ao contrário da penúltima vez, que a mãe teve uma grande hemorragia, que por pouco não lhe custou a vida, graças à oportuna e pronta intervenção da serviçal parteira Belmira, que de imediato a transportou até S. Filipe, a fim de receber a assistência médica necessária.

Apesar das fortes dores e da indisposição do momento, Zulmira não deixou o marido sem resposta.

— Vai sobreviver e será um homem robusto. Já vi sobreviver crianças com pior aspeto do que esta.

— Não sei, tenho lá minhas dúvidas. De qualquer modo, também espero que tudo corra bem. Não deve ter mais de um quilo e meio; mal consegue chorar e é todo transparente. Consigo ver tudo o que ele tem dentro da barriga. Tomara que ele sobreviva, claro!

— Podes crer que ele sobreviverá! Deus é bom pai! Já tenho nome para ele.

— Já tínhamos escolhido o nome...

— Mudei de ideia. Vai se chamar... Não digo!

— Diz e deixa de mistério, mulher. Qual?

— É surpresa.

— Diz-me lá o nome para ver se é bonito ou não.

— Vai se chamar Juvenal.

— Huuummm! Cruzes! Não podias ter feito pior escolha! Juvenal provém de Judas e este traiu Cristo.

Cá entre nós, como é que já tens nome para ele se, que Deus me perdoe, nem sabes se vai sobreviver. Dou uma semana de vida a esta criança, se tanto!

Esta expressão fez com que a mulher perdesse a fala por alguns instantes.

Ernesto não era pessoa para muitos rodeios. Era frontal, por vezes beirando a grosseiro.

Momentos depois respondeu.

— Vira essa boca para o outro lado. Ele é que vai ser o nosso pão de amanhã.

— Se estudar, claro! Os estudos estão em primeiro lugar. Não vai ser como eu.

Sabes porque hoje sou quase analfabeto? Por culpa do meu ex-professor, um tal de Carlos de Calheta de Santiago. Um homem que não tinha paciência e vocação para ensinar. Chegava bêbado à escola e apanhávamos dele ao mínimo descuido. Ele podia saber, e creio que realmente sabia, mas não tinha vocação para ser professor. Pudera! Passava a maior parte do seu tempo em tabernas, e quando de lá saía, era aos trambolhões.

Certa vez, isto foi na primeira classe, deu-me uma valente surra, como se tivéssemos o mesmo físico, que me deixou marcas no corpo, que, sem

ÍNDICE

I	7
II.....	19
III.....	37
IV.....	79
V.....	95
VI.....	103
VII.....	117
VIII.....	125
IX.....	129
X.....	151
XI.....	167
XII.....	177
XIII.....	183
XIV.....	213
XV.....	239
XVI.....	269
XVII.....	299
XVIII.....	333

XIX.....	345
XX	351
XXI.....	359
Glossário	387

O drama maior estava do outro lado do Atlântico. Em Cova Matinho, Ernesto estava desesperado e, ao mesmo tempo, frustrado. Não sabia como resolver a «camisa de sete varas» em que se metera. Aproximava vertiginosamente a data assumida por ele para saldar a dívida com o dono da Casa Fortunato Gomes de Pina, e o filho, inacreditavelmente, não dava o menor sinal de vida, ou intenção de enviar o valor necessário para liquidar a dívida contraída.